

a forma romance e a sua bibliografia

JOÃO DÉCIO

O romance, como forma literária, de um século para cá tem adquirido, gradativamente, uma importância, não só porque vem sendo cultivado com enorme interesse pelos ficcionistas como também porque tem sido objeto de discussões pelos críticos literários, especialmente na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nos últimos tempos, também no Brasil e em Portugal apareceram alguns estudiosos inclinados sobre tão palpitante tema. Apenas para começo de conversa, lembramos autores como Albert Thibaudet, cujo livro, *Réflexions sur le roman*, publicado inicialmente em 1938 e reeditado em 1965 pela "Gallimard", constitui fonte de constantes consultas dos estudiosos. Nelly Cormeau igualmente lançou em 1966 um valioso, embora pequeno, volume com o título *Physiologie du roman* e dividiu-o em alguns capítulos indiscutivelmente importantes, sete no total: "Natureza e posição do romance", "A matéria", "Os elementos primários do romance", "A intriga e as personagens", "Os elementos secundários do romance", "A ambiência e o tempo", "O moralismo no romance", "A transposição", "A composição" e um capítulo final de conclusões. François Mauriac também apresenta um curioso trabalho de teoria do romance, com incursões em problemas do romance francês, intitulado *O romance*. George Lukács é autor de discutidíssima obra, *Teoria do romance*, que oferece inúmeros pontos de enfoque que merecem detida reflexão. Kléber Haedens é outro crítico mais preocupado, contudo, com a posição da crítica diante do romance, no livro intitulado *Paradoxe sur le roman*, publicado em 1964.

Quanto aos autores portugueses, devem ser destacados dois: Adolfo Casais Monteiro, que escreveu *O romance e seus problemas*, incidindo em considerações em torno do romance brasileiro, português, francês, inglês, norte-americano e russo. O crítico salienta especialmente romancistas como Eça de Queirós, Fernando Namora, Alves Relol, José Régio e José Rodrigues Miguéis, em Portugal; no Brasil, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, José Lins do Rêgo, Jorge Amado e Ciro dos Anjos; na literatura russa: Dostoievski e Anton Tchekov; na Inglaterra: Henry James e Aldous Huxley; nos Estados Unidos: Ernest Hemingway e John dos Passos. O segundo nome é o de Vitor Manuel de Aguiar e Silva, autor de *Teoria de Literatura*, em que apresenta um substancial estudo da forma romance, desde suas origens até a atualidade.

Massaud Moisés lançou em 1967 o livro *A Criação literária* no qual reserva um capítulo para o romance, instalando-se num estudo da técnica e do conteúdo do romance, desde o seu surgimento na literatura européia e chegando até os dias de hoje.

No tocante aos autores ingleses, destaque-se o trabalho de Anthony Burgess, *The novel now*, publicado em Londres e o volume de Edwin Muir, *The structure of the novel*, publicado em 1967. Este último analisa muito bem os três tipos de romance que aceita: romance de drama, de personagem e de ação e portanto também incide em aspectos da teoria da literatura, no caso teoria do romance.

Outros autores e obras têm aparecido nos últimos anos, preocupados com o problema do romance. Além dos que já citamos, convém destacar: René Girard, autor de um precioso trabalho sobre a essência do romance: *Mensonge romantique et vérité romanesque*; Virginia Woolf, que escreveu *L'art du roman*; Jean Pierre Monnier, que estuda as dificuldades da permanência do romance e suas ligações com o cinema, na obra: *L'Âge ingrat du roman*; A. M. Albérés, que estuda os problemas da criação no romance e se estende na análise de autores franceses no livro: *Histoire du roman moderne*; tem ainda outro volume intitulado: *Métamorphoses du roman*. Percy Lubbock comparece neste estudo da bibliografia do romance com um trabalho fundamental sobre o processo da criação literária e, em especial, do romance. Trata-se de *The craft of the fiction*, cuja quarta edição saiu em Nova Iorque em 1962.

João Gaspar Simões, ensaísta, autor de vários trabalhos no campo da crítica e da história literária, também comparece com um pequeno mas substancial volume: *Ensaio sobre a criação no romance*.

Devem ser assinalados ainda dois livros fundamentais, que incidem

especialmente no estudo do problema do tempo no romance. São eles: *Temps et Roman* de Jean Pouillon e *Time and the novel* de A. A. Mendilow.

Claro que na grande lista de autores brasileiros e estrangeiros, que se têm preocupado com o estudo do romance, alguns se atêm mais a problemas de conteúdo, outros a assuntos de caráter formal. De um modo geral, são problemas que mais têm interessado à crítica, os seguintes: conceituação de romance, os estudos dos tipos de romance, os problemas intrínsecos e extrínsecos da obra, a relação entre as personagens, o autor e o mundo, o problema da ficção, da composição (em que aparecem temas como a memória, a imaginação, a observação, a transposição [mundo real em confronto com mundo imaginado e as ligações entre o possível e o real]).

Também na abordagem da obra literária em si, no caso, o romance, a crítica tem preferido primeiramente passar em revista a referida forma, abordando aspectos puramente teóricos, para depois entrar num campo prático, exemplificando com estes ou aqueles romances e romancistas. Assim, algumas vezes a teoria parece predominar sobre os aspectos práticos. De qualquer maneira, a crítica se tem dividido muito, na abordagem do romance. Alguns, como Lukács, preferem situar o romance como um produto meramente social, independentemente da cosmovisão que a obra possa oferecer. Daí preocupar-se com problemas de relação entre o herói e o mundo. Outros, ficam mais dentro de um processo estético-literário, preferindo ver o romance como um composto de cosmovisão e divertimento. Nelly Cormeau, por exemplo, no seu livro *Physiologie du Roman*, parte de pressupostos estruturalistas na abordagem do romance e, por isso mesmo, estuda as partes do romance como se fossem órgãos de algo vivo e palpitante como realmente é o romance. Assim, fala no assunto, na intriga, na personagem, no tempo, no ambiente, mostrando que a função do romancista é compor tais elementos, conferindo-lhes sentido dinâmico. A própria Nelly Cormeau faz uma revisão das artes figurativas, mostrando que o romance é tão ou mais arte figurativa que a pintura ou a escultura. Assim, a referida estudiosa relaciona claramente o romance, expressão que vive das palavras, com outras formas de arte e de linguagem. Ainda, para ela, intriga, personagem, tempo, constituem verdadeiros órgãos de uma máquina intrincada às vezes, que é o romance. Outro aspecto curioso em torno do romance é que os críticos e a crítica em geral têm procurado evitar uma definição ou um conceito, difícil de se obter em qualquer campo da arte. Massaud Moisés, partindo

de um critério estruturalista, conceituou o romance como sendo uma visão macroscópica e totalizante do mundo, que se observa também nas antigas epopéias.

Essa bibliografia francesa, inglesa, norte-americana, brasileira e portuguesa nos ajudará enormemente num estudo evolutivo do romance em português. Passemos então a uma visão geral sobre a forma romance em Portugal. A época do Romantismo, em que nasceram formas importantes como o romance, o conto, e em que a novela se afirmou, deve ser vista em primeiro lugar. Antes de passarmos a considerações em torno do romance romântico, é preciso atentar para o fato de que uma coisa é o Romantismo como corrente literária que grosso modo durou de 1825 a 1865, portanto quarenta anos; outra coisa, muito diferente, é o fato de romantismo particular de cada prosador ou poeta. Assim, é preciso evitar que aceitemos um rótulo geral de romantismo que se caracteriza pelo individualismo, pelo sentimentalismo, pelo egotismo, e tentarmos na mesma dose introduzir em todos os chamados românticos. Assim é que o Romantismo de um Camilo Castelo Branco, seja no seu romance ou na sua novela, difere fundamentalmente do romance citadino ou campestre de Júlio Dinis ou de Alexandre Herculano, para lembrarmos apenas os principais.

Camilo é arrebatado, violento, hiper-sensível e se opõe ao equilíbrio, à ponderação na análise do processo amoroso. Garret, como romântico, se coloca numa certa posição intermediária entre Camilo e Júlio Dinis. Mesmo na estruturação das obras, há diferenças essenciais. Camilo é visceralmente um novelista, raramente incidindo no campo do romance, enquanto Júlio Dinis é um romancista, seja quando tem por cenário o campo, seja quando raramente volta para a cidade. Alexandre Herculano não é novelista e nem se pode dizer que seja um autêntico romancista, pois sacrificou a criação, a ficção, à preocupação, à realidade histórica. A verdade é que cada romântico, poeta ou prosador, apresenta a sua contribuição com aquilo que ele aceita, dentro de sua individualidade. Cada romancista, poeta ou contista, dentro do geral deve ser visto como contendo algumas particularidades. Não devemos cair no erro comum de considerar a corrente literária como um bloco granítico com características gerais a que todos os escritores da época obedecem cegamente. O romancista, o contista e o poeta autênticos não sacrificaram sua individualidade em favor de uma generalidade do processo que os engolia violentamente.